

Dossier

Altermondialisme *anticapitalisme*

JACQUES BIDET E GÉRARD DUMÉNIL (ORGS.)
Paris, Actuel Marx, PUF, 2008, 116p.

*Santiane Arias**

A revista *Actuel Marx* organizou um dossiê em setembro de 2008 intitulado: *Altermondialisme Anticapitalisme*. O dossiê é formado por uma mesa redonda composta por Alex Callinicos, Marta Harneker, Wolfgang Haug, Domenico Jervolino, Massimo Modonesi, Hilary Wainwright e Otto Wolf; além de mais sete artigos de: Dominique Plihon, Emmanuel Terray, Stéphanie Treillet, Michel Löwy, Jean-Marie Harribey, Yves Salessse, Gérard Duménil e Dominique Lévy. Cada texto trata de um tema em particular, mas há, de modo geral, uma questão central traçando um fio condutor ao longo de todo dossiê: o movimento altermundialista constitui-se (ou deve se constituir) em um agrupamento agregador de todas as opiniões que se voltam contra os excessos do neoliberalismo ou, mais do que isso, pretende (ou deveria pretender) colocar em marcha uma força política que coloque em causa próprios mecanismos de apropriação e dominação capitalistas?

Alguns pontos em comum aparecem nas respostas dos debatedores. A respeito dos méritos, o *altermondialismo* teria a indiscutível capacidade de agregar diferentes grupos sociais e transitar por culturas de esquerda distintas. Outro ponto destacado é o papel das manifestações na desconstrução do discurso neoliberal, dificultando em escala regional acordos importantes para o aprofundamento do neoliberalismo. Sobre os limites, o aspecto central seria a incapacidade do movimento

* Pesquisadora do Cemarx – UNICAMP.

de influenciar decisões políticas – como a eleição de Nicolas Sarkozy na França, país em que o movimento tem atuação destacada. A fragilidade política estaria associada à ambiguidade do programa *altermundial*. Ambiguidade explicada pela ausência de uma teoria crítica das estruturas, segundo uns; ou o preço pago pela heterogeneidade do movimento, segundo outros. O maior problema estaria em perder de vista a relação entre a atual política econômica e o modo de produção específico que permitiu seu surgimento, a saber, o capitalismo. Nesse sentido o marxismo ainda seria essencial, dizem praticamente todos os debatedores. Um “marxismo renovado”, “um marxismo não burocrático” que estenda sua análise às “outras formas de dominação”, tal como o “patriarcalismo”, um marxismo que faça a crítica ao “industrialismo” e pense formas de produção ambientalmente sustentáveis. A renovação também é critério central para a incorporação do socialismo ao programa e ao léxico *altermundial*. Se o problema reside na lógica do modo de produção capitalista, trata-se então de uma alternativa de conjunto, o socialismo. Mas um socialismo que se diferencie da “experiência soviética”, que “respeite o indivíduo” e o “meio ambiente”; o *socialismo do século XXI*, dizem uns; *ecossocialismo*, dizem outros.

O texto de Plihon relativiza a originalidade do movimento, chamando a atenção para suas heranças. Segundo o autor, o *altermundialismo* é uma crítica ao capitalismo, mas uma crítica cujas raízes não estão fincadas apenas no marxismo, mas também em Keynes, Negri, Braudel e Polany. Sobre a questão central do dossiê, ele é categórico: o *altermundialismo* é mais uma força antiliberal do que anticapitalista – de maneira geral, não se trata de colocar em causa o papel do mercado, mas de contestar seu lugar hegemônico. O acento na campanha pela taxa Tobin, bandeira principal da Attac, reforça o argumento do autor.

O texto de Löwy destaca a relação entre riscos ambientais e capitalismo. O modo de produção atual é pautado na acumulação ilimitada de recursos, lógica que não pode ser mantida senão pela desigualdade entre Norte e Sul. O problema não estaria associado somente ao consumo, mas à forma de produção, fato ignorado pela maioria das organizações não governamentais (ONGs) de defesa do meio ambiente. A questão principal dos ecologistas, portanto, diria respeito ao controle dos meios de produção. Nesse sentido, o autor apresenta o *Ecossocialismo*, projeto pautado no marxismo, descartando sua vertente produtivista. Löwy valoriza a luta da *Via Campesina* contra o monopólio das sementes, contra os alimentos geneticamente modificados e a monocultura.

O texto de Salesse toca em um dos pontos centrais da crítica direcionada aos *altermundialistas*, a saber, a carência de um programa político. Segundo o autor, haveria um desequilíbrio entre a análise crítica, de um lado, e a elaboração de alternativas, de outro. Foi com a intenção de corrigir essa defasagem que o método *Copernic* teria sido criado. O *Copernic* é um coletivo que conta com a presença de representantes da esquerda francesa, *altermundialistas*, sindicalistas e pesquisadores. A proposta seria pensar alternativas que traduzam a diversidade

dos pontos de vista presentes entre os antiliberais. De acordo com o autor, esse método teve sucesso com as propostas alternativas à reforma das aposentadorias na França. Mas o projeto também é objeto de críticas, há os que acreditam que os textos programáticos esvaziaram as reivindicações dos movimentos em nome de um compromisso entre forças políticas muito diferentes.

O texto de Duménil e Lévy aponta para a dificuldade de identificar as bases sociais da esquerda de hoje, outra questão central para os *altermundialistas* que tem recebido críticas por parte dos *sans (papiers, logement, emplois)* acerca de certas posturas elitistas. De acordo com os autores, a equação: “Partido Comunista igual à classe operária” perdera a validade diante das transformações da estrutura de classes. A crise da década de 1970 teria desestabilizado o Estado de Bem-Estar e criado as condições que permitiram às classes capitalistas a reconquista da hegemonia. O compromisso social-democrata (quadros/classes populares) do pós-Guerra fora substituído por outro, de direita, neoliberal (capitalistas/quadros). Os autores identificam elementos anticapitalistas no Estado de Bem-Estar, entre os quais: uma economia mista, na qual setores importantes (educação, saúde etc.) foram colocados “fora do mercado”; um setor financeiro à margem do setor produtivo; e uma política de pleno emprego. Resta saber se esses elementos são mesmo anticapitalistas ou antiliberais. Por fim, os autores propõem um “retorno aos aspectos sociais do compromisso anterior” (p.113). Mas resta outra dúvida. Segundo os próprios autores, a emergência no pós-guerra da União Soviética como uma potência favoreceu no campo capitalista a formação de um compromisso de esquerda. No cenário atual quais elementos favoreceriam o retorno a esse tipo de compromisso?

Não é de hoje que o *altermundialismo* se depara com a seguinte questão: qual é o outro mundo possível? A crise financeira acentuou o debate. A regulamentação do mercado financeiro, ponto central da configuração *altermundial*, tornou-se pauta da agenda dos encontros das organizações multilaterais, até então o palco das grandes manifestações *altermundialistas*. Nesse contexto, diversos artigos indagando sobre o futuro do movimento aparecem nos periódicos franceses. Em meio a várias manchetes apressadas declarando a crise ou o fim do movimento *altermundialista*, o dossiê da *Actuel Marx* tem a indiscutível vantagem de apresentar um debate aprofundado, associando questões políticas e teóricas. Ao longo dos textos, questões importantes para a compreensão do movimento são colocadas. Mas o debate deixa dúvidas: o que configura uma luta anticapitalista? A formulação de um programa “explicitamente anticapitalista” é apenas uma questão de escolha estratégica? Ou as ambiguidades do movimento podem estar relacionadas com sua composição social?

ARIAS, Santiane. Resenha de: Jacques Bidet e Gerard Dumenil, Dossier, altermondialisme, anticapitalisme. Paris, Actuel Marx, PUF, 2008, 116p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.173-175.

Palavras-chave: Altermondialismo; Neoliberalismo.